

**FORJANDO UM HOMEM: A TRILHA BIOGRÁFICA NA ESCRITA DA
HISTÓRIA POTIGUAR (1945-1964)**

AUTOR: LEDSON MARCOS SILVA

Mestrando

Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES/UFRN

E-mail: ledson.15@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Propomos, neste trabalho, pensar os processos simbólicos que tangenciam as comemorações no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Nos Institutos Históricos é comum a prática de celebrar, homenagear e prestar palavras sócios falecidos ou ainda vivos. Notas biográficas, necrológios e memórias são elementos comuns, desde o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), onde foi de lá as primeiras biografias publicadas visando um embasamento para a história nacional (OLIVEIRA, 2011).

No IHGRN, incomodou-nos uma espécie de construção do *homem potiguar*, uma determinada idealização encontrada na escrita dos historiadores através das notas biográficas e homenagens. Nosso questionamento sobre como se formula esse trabalho historiográfico, inicialmente, teve base nas considerações de Fernando Catroga a respeito da escrita como um “gesto de sepultura” (CATROGA, 2015, p. 64).

A instituição salvaguarda um caráter memorial muito forte, não à toa intitula-se também como *Casa da Memória norte-rio-grandense*. Suas publicações demonstram uma estratégia operacional riquíssima que visa não apenas ganhar um *status* mas também manter esse capital, manter uma imagem, ou mesmo conservar determinado quadro imagético do Instituto perante a sociedade.

O volume 52 da revista, correspondente ao ano de 1959, é um fenômeno raro no universo da Instituição, pois ele é dedicado exclusivamente para um único sócio – Augusto Tavares de Lyra. Ele foi governador do Estado, deputado, Senador e, especialmente, sócio fundador da Instituição, em 1902.

Acessamos as fontes através do Laboratório de Imagens (LABIM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que dispõe dos documentos

digitalizados e fornecidos pela via online, deixando à mão de historiadores e pesquisadores em geral disponibilidade para pesquisa.¹

Os membros do Instituto são em sua maioria pertencentes a uma elite intelectual distinta. Realizando uma homologia entre o campo intelectual e o campo político, os sócios demonstram um forte apreço pela ação no âmbito da história, mas são valorizados, sobretudo, os *serviços prestados à nação e ao Estado*, como vamos ver em nossa análise. Augusto Tavares de Lyra se encaixa neste *hall*, homenageado pelo seu trabalho dual, na história e na política.

O volume 52 contém doze textos dedicados a Tavares de Lyra.² Os textos dos historiadores Hélio Galvão, Carlos Tavares de Lyra, Manoel Rodrigues de Melo e Câmara Cascudo, entre outros, são nossas fontes diretas, selecionadas pelo critério de melhor corresponderem com nossa inquietação, aliás, por tratarem sobre Tavares de Lyra por diferentes visões em relação à sua vida. Uma análise coletiva para um coletivo. Pretendemos realçar, evidentemente, as especificidades de cada um, e igualmente os pontos em que confluem.

Numa tentativa ousada, pensamos essas homenagens na dimensão de fontes historiográficas, isto é, o texto escrito pelo historiador ou letrado que ao escrever sobre história resolveu transformar em discurso sua observação de determinado fenômeno. As fontes historiográficas sofrem carência de estudos. Destinamos este parágrafo inclusive como alerta a respeito das fontes trabalhadas dentro da área de história da historiografia. Sendo assim, revistas, especialmente a organizadas pelos Instituto Históricas, textos de viajantes, periódicos e jornais podem ser inclusas nesse tipo de fonte.³

¹ Pode ser acessado através do seguinte endereço: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/>

² MELO, Aldo Fernandes de. Apresentação. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 5-7. REDAÇÃO. Ministro Augusto T. de Lyra. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 7-9; CASCUDO, Luis da Câmara. Tavares de Lyra. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p.9-11; CASTELO BRANCO, J. M. B. Augusto Tavares de Lyra. In: **RIHGRN**, vol. 59, Natal, 1959, p. 12-23; LYRA, Carlos Tavares de. Tavares de Lyra na intimidade. In: **RIHGRN**, vol. 59, Natal, 1959, p. 24-27; REDAÇÃO. Gov. Dinarte de M. Mariz. In: **RIHGRN**, vol. 59, Natal, p. 28-29; AUGUSTO, José. Tavares de Lyra e a reforma no ensino público. In: **RIHGRN**, Natal, vol. 52, 1959, p. 30-47; MELO, Manoel Rodrigues de. Uma carta do Dr. Eloy de Souza. In: **RIHGRN**, Natal, vol. 52, 1959, p. 48-52; MEDEIROS, Tarcísio. Tavares de Lyra, o Amigo do meu avô. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 55-71; GALVÃO, Hélio. Tavares de Lira, o historiador. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 75-80; O JORNAL. Perdeu o País Uma das Mais Nobres Figuras da República. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 80-86; VALADÃO, Alfredo. Tavares de Lira e Afonso Pena. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 87-93.

³ BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, mai-ago/2012, p. 153.

A partir de tudo isso, surge o panorama de perguntas: como o campo intelectual relaciona o que eles tanto chamam de *vida pública* com o passado de Tavares de Lyra? Sobre quais bases são colocadas em paralelo a vida do político com a vida dedicada à história?

FORJANDO UM HOMEM: O CASO DE AUGUSTO TAVARES DE LYRA

O Instituto se projetou para o futuro, reflexo, também do governo de Alberto Maranhão, cujos pontos luminosos nunca deixaram de existir no panorama físico e intelectual do Estado. Hoje, decorridos quarenta anos, a agremiação nascida dos argumentos do desembargador Lemos, após a questão de Grossos, é uma realidade palpável, com um rico patrimônio cultural e histórico que honra o Estado. Basta citar-se a sua revista, que anda numa série magnífica de edições... Depois se referiu o presidente da sessão aos saudosos consócios desaparecidos, desembargador Sebastião Fernandes e dr. Vale Miranda, destacando Nestor Lima o carinho e a abnegação com que se dedicaram aos destinos do Instituto (DIVERSOS, 1948, p. 41-43).

O excerto retirado do Jornal *A República*, em 1942, e publicado na revista do Instituto, na edição de 1948, conota um caminho intrigante para adentrarmos em nossa reflexão. Podemos ver pela citação dois momentos nítidos apresentados: a incitação da criação do Instituto devido problemas do presente, e depois a enunciação aos desaparecidos, isto é, os falecidos.

Apesar de ser mencionado a criação da instituição voltada para o futuro, os problemas do presente eram essencialmente imediatos, no que tange a busca de soluções. Certamente, o *já* pesou mais que o *depois*. O IHGRN é fruto desse trabalho em prol do presente. O foco estava lá, uma questão política, a disputa dos limites territoriais entre Ceará e Rio Grande do Norte. E o âmbito político sempre esteve ao redor da história, esta que foi feita de ferramenta no século XIX e XX, em determinados espaços, para consagrar a identidade nacional e regional, um passado comum ao povo etc.⁴

Após essa disputa, como podemos ver representado no trecho do jornal, chegamos a um momento de consagração dos sócios, de constatar a legitimidade daqueles que fazem parte do círculo dos intelectuais potiguares. Relembrar os “nossos”. Periódicos como a Revista do IHGRN permitem essa diferenciação do alvo dos historiadores.

⁴ Um dos melhores exemplos para isso é o caso do IHGB. Para mais, conferir: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

Como aponta Jean-François Sirinelli, as revistas são lugares preciosos para ver a transição de ideias. Periódicos conferem ao campo intelectual uma estrutura de sociabilidade mediante fatores como influências, amizades, exclusões, cisões etc. Em suma, uma revista representa certo lugar de ebulição intelectual e uma rede afetiva (SIRINELLI, 2003).

Para que nossa investigação prossiga, devemos considerar a importância das provocações de Pierre Bourdieu quanto à ótica de que não há atos desinteressados (BOURDIEU, 2003 p. 119-125). Por trás das ações, discursos e atos, rondam os mais diversos interesses, seja lá o capital, do econômico até o social.

Quando levamos tal olhar para nossas fontes, há uma espécie de angústia, pois destacamos textos saudosos a um homem de convívio dentro do Instituto, com amizades etc. Dizer que há interesse por trás desses textos à primeira vista afetivos, acaba nos trazendo certo mal-estar. Todavia, uma máxima conhecida é que as representações do passado e do mundo social, em suma, estão no universo da luta política. Portanto, não devemos desconsiderar o trato com o ausente, com o morto, pois no final das contas, fica evidente o interesse por trás dessa posição. O morto, o ausente, faz parte do interesse do historiador, aliás, é o próprio objeto de estudo, de certa maneira. Como aborda Certeau, a escrita da história, há séculos, se resume ao morto (CERTEAU, 2011, p. 15-18).

Abrimos margem, através dessas fontes para a crítica da sinceridade. Até onde a sensibilidade configura-se como papel na escrita, tomando parte da legitimação do passado de alguém ou de um coletivo?

Esse processo de elaboração discursiva que será legitimado na escrita passa por alguns elementos comuns nos textos aos quais vamos nos debruçar. Para que a averiguação fique melhor estruturada, dividimos em três tópicos essa monumentalização do morto conferida no volume em destaque.

O exemplo

O primeiro texto publicado é do presidente do Instituto Aldo Fernandes de Melo. Curto, um formato mais de apresentação de todo volume, contudo ele insere: “Ninguém deixou à coletividade um maior exemplo de patriotismo, probidade e pertinácia nas

tarefas a que se dedicou, do que esse ilustre confrade desaparecido.” (MELO, 1959, p. 05).

E mais adiante:

Com este número da Revista, o Instituto Histórico e Geográfico e o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, por intermédio daqueles que nela colaboraram, reverenciam a memória deste ilustre cidadão, fazendo registrar fases de sua exemplar vida pública e particular, nesta homenagem aos relevantes servidos prestados à Nação e ao Estado. (MELO, 1959, p. 07)

Portanto, Tavares de Lyra seria alguém que transpõe os limites da dicotomia regional-nacional como exemplo de vida pública. Melo forja um apelo ao incomparável, ao tratar Lyra como alguém especial no que diz respeito a ser exemplo para o coletivo. Ele é colocado em um plano onde ninguém fez algo parecido. Ora, assim como Plutarco, Aldo Melo enfatiza as virtudes morais e não um traço cronológico na vida de Lyra. Lembra os valores cívicos realizados pelo sujeito.

Já Luis da Câmara Cascudo fornece um texto rico - que mais à frente ainda vamos nos apropriar. No entanto, vejamos a colocação do historiador potiguar ao falar que Lyra era especial, pois segundo o autor, o falecido sócio “Era a própria História, testemunha, partícipe, confidente e espectador de acontecimentos decisivos. Ouvi-lo era seguir uma viagem maravilhosa através de episódios que se tornaram fatos da História do Brasil (CASCUDO, 1959, p. 10).

Câmara Cascudo assevera a incorporação da história por parte de Lyra, ou melhor, traz essa condição ontológica, ele *é* a história. Sendo ele testemunha e espectador dos eventos, Cascudo aponta na verdade sobre a qualidade de operador da *autopsia*, concepção grega de trabalhar a história, especificamente de Tucídides, pois considerava que o olhar e a presença no acontecimento revelam um tom agudo de veracidade. Tucídides relacionava-se avessamente com a ideia de distanciamento temporal. Quanto mais presente, melhor. Tal concepção, essa responsabilidade de ser testemunha, também está presente na modernidade. A título de exemplo, é a preocupação de Jean de Léry ao chegar na América e querer fazer ver através de seus relatos (CERTEAU, 2011, p. 192-198). Aliás, não é essa, da mesma forma, o incômodo da personagem Horácio na peça Hamlet, dramaturgia shakespeariana, que reclama sobre ouvir o boato de um suposto fantasma na corte, e duvidava veementemente do fato, pois não tinha visto sem o “testemunho seguro dos próprios olhos”? (SHEAKSPEARE, 1988). A questão da

testemunha e sua veracidade atravessa os antigos e chega na modernidade. Essa qualidade é contemplada na construção de um Tavares de Lyra.

Restaria se questionar até que ponto isso seria proveitoso na hora de se escrever a história. Em outras palavras, da maneira que está colocada, o que se está fazendo, a partir da imagem de Lyra, não seria uma espécie de história eloquente? De que forma uma história segura seria apenas completa se quem a escreve deve estar no contexto do acontecimento?

De todo modo, a eloquência desses historiadores resvala no clivo do exemplo, tributando o sócio fundador como modelo consagrado. Pois com isso, através do recurso aos *exempla*, o historiador detém um método para contar a história da sua *polis intelectual* ou de pelo menos quem a frequenta.

Vale acrescentar o fato diretamente ligado com a tópica ciceroniana da história mestra da vida. Ao se metaforizar o desaparecido como exemplo para os demais, para os vivos, tem-se, então, uma forma pedagógica por meio da vida, aliás, com as publicações e textos, por meio da história. Portanto, marca-se aqui a volta a ideia de que devemos voltar a experiência dos outros, como forma de espelho para o presente, como muleta para enfrentar a angústia do porvir, da incerteza (KOSELLECK, 2006, p. 42).

Linearidade

Manoel Rodrigues de Melo publica uma carta de seu amigo Eloy de Sousa. Lá o conteúdo expressa uma viagem à infância de Souza onde ele reserva vários parágrafos para descrever como era o menino Tavares de Lyra. E completa os trechos realçando as virtudes do jovem nascido em Macaíba. Escreve para Manoel Rodrigues, detalhando o caráter nostálgico que é falar de Lyra, um voltar à juventude, tempo de admiração.

Souza pontua:

Lembrar Augusto Lira é recordar a Macaíba da nossa meninice, a nossa vida infantil, os nossos brinquedos, a nossa curiosidade, a chegada e saída das barcas, dos botes e saveiros, numa atividade que constituía para nós, naquela idade, a admiração que tocava quase ao mistério (MELO, 1959, p. 48).

Após este excerto, Eloy de Souza destrincha uma narrativa em estrutura linear. Da infância, passando pela maturidade, a participação no colégio fundado por Pedro Velho em Natal, depois cursando o secundário no Recife e logo em seguida a matrícula na

Faculdade de Direito também naquela capital. A carta de Souza está repleta de passagens de caráter linear, relacionando diretamente a vida privada com a vida pública em progressividade, evolução. Ademais, a carta contém expressões, por exemplo, “sempre”, “já desde criança” ou “nunca foi” que expressam aquilo que Pierre Bourdieu denominava de ilusão biográfica (BOURDIEU, 1998). Este sociólogo francês questionava justamente a ideia de uma vida organizada, sem a participação do acaso, com os acontecimentos relacionados a virtudes e dons, com origem e fim, constituindo um paralelo, a vida biológica e a social, coisa que para Bourdieu, não andam juntas.

De acordo com Sabina Loriga, numerosa parcela de biógrafos apresentam uma sequência narrativa nos trabalhos, elaborando um quadro, partem da infância (alguns até antecedem isso com o contexto de décadas atrás), vida adulta e velhice (LORIGA, 2011, p. 15-19). De tal maneira que a organicidade do corpo perpassa, conduz e/ou orienta a vida social do sujeito.

Mesmo assim, em outros momentos como no caso de Câmara Cascudo, a ideia da vida progressiva é reforçada. Coloca-se: “Uma vida em linha reta, limpa e clara, sem os escuros misteriosos que explicam, para muitos, a fecundidade ascensional. Uma existência que se pode evocar sem falha, na cronologia natural de uma sequência moral incomparável” (CASCUDO, 1959, p. 09). Seria demais pedir para os demais sócios elaborarem com mais rigor suas análises sobre a “história de vida” de Lyra. No entanto, há de atentar-se para essa estratégia de discurso em destaque. Por trás das palavras eloquentes dos membros do instituto, existe um empenho em caracterizar através da vida pública de Lyra as personalidades daqueles que frequentam tal lugar. No momento exato do elogio se observa um apelo simbólico ao local de trabalho, lugar social do fazer histórico potiguar. Em outras palavras, ganha-se legitimidade ao falar de Lyra, porque de certa maneira Lyra representa também o *nós*.

Passado e presente, o morto e o vivo

No desenrolar da construção discursivo-imagética do falecido sócio, vale considerar a elaboração de um referencial para os membros, e por conseguinte para a historiografia da Instituição. O governador Dinarte Mariz em texto de homenagem pondera:

é dever cívico de um povo não só cultivar a memória dos antepassados que haja empenhado a sua inteligência e os seus esforços no sentido do engrandecimento da terra comum, mas também, manifestar de público, a sua gratidão pelos relevantes serviços prestados à causa pública (...) (REDAÇÃO, 1959, p. 29).

É possível ver a evidência da marcação de um passado, construído e pensado através da lembrança a respeito do sócio falecido. O sócio fundador referencia um determinado passado, é simbolizado como ponto de partida. Queremos evitar o uso do conceito *geração* em razão que poderíamos cair em outros discursos teórico-metodológicos, não obstante deveras passagens entre os textos desembocam numa caracterização do passado institucional a partir da imagem de Lyra, de um momento em que ele pode ser um grande pilar. Ora, esse jogo já é conhecido, pois assim como Januário da Cunha Barbosa e Marechal José da Cunha Mattos, Tavares de Lyra e seu trabalho representam uma datação e exemplo do *papel social do historiador* daquela instituição.

Para além de outras possibilidades, o conjunto de “serviços prestados à causa pública” como postulado pelo governador determina-se aquilo que está por fazer, conseqüentemente, enterrando ou “exorcizando” os mortos, estabelece-se um *ethos* e um lugar para os vivos.

A ação do indivíduo feita no passado, e agora encontra-se ausente, rememorada, glorificada e remetida àqueles do presente, é o eco de uma normatividade que visa o leitor reconhecer possibilidades de atuação moral e ética, digna de lembrança e aplauso. Com efeito, o trabalho de memória não se reduzia à fixação de exemplos, mas pressupunha uma relação de herança e dívida com o passado. Portanto, caberia ainda pensar a elementaridade moral dos discursos, das celebrações e homenagens. Ou seja, fazer a pergunta: os institutos históricos, espaço de pesquisa e do *fazer histórico*, comportam em suas publicações uma dosagem de caráter moralizante? Antes de tudo, o que vem a ser moral?

Ela pode ser inicialmente definida como um conjunto articulado de noções a respeito do que é certo e do que é errado, noções que servem de guias para a ação e se situam para além da satisfação de demandas ou desejos “imediatistas” do sujeito. Isso parece trivial, e de fato é, mas o que convém sublinhar, a partir dessa definição, é que quem fala em moral, fala em “programas para a ação”, portanto de normatividade e orientação (MATA, 2011, p. 63).

Sendo assim, moral enquanto plano de orientação, substanciada no que tange conduta, noções para agir, então podemos identificar a forte participação da moral nos

discursos. Carlos Tavares de Lyra, filho de Augusto Tavares de Lyra, em um texto revelando os momentos mais íntimos, resolve adotar as seguintes qualidades em referência ao pai: “Homem raro, raríssimo, pelo saber, pelas virtudes, pela coerência, pela postura moral, social, política, de 85 anos lúcidos de vida dedicada à Pátria, à Cultura, à Família” (LYRA, 1959, p. 24).

Os fatores a serem seguidos, a partir do autor, (Pátria, Cultura e Família) têm raízes históricas, mas aqui, ao se tratar de uma instituição relacionada a disseminação de ideias e informações, esses valores são realocados pelo nacionalismo do contexto governamental de Getúlio Vargas. Fazemos tal associação porque é muito difícil separarmos o governo e a política da historiografia (GOMES, 1999, p. 15-20). Carlos Tavares de Lyra prossegue afirmando os valores do pai:

A grande e principal constante de sua bela *vida pública* foi aquele extraordinário carinho que sempre *devotou ao seu querido Rio Grande do Norte*, a que chamou, no prefácio de uma de suas inúmeras obras, de “terra gloriosa em que nasci e a que tenho procurado consagrar sempre os extremos e afetos de filho amantíssimo” (LYRA, 1959, p. 25, grifo nosso).

Acentua-se os valores patrióticos. A pátria tem por condição uma terra, ao contrário de organizações que não precisam de tal embasamento, o amor patriótico, em questão. define-se por ser exemplo de uma “bela vida pública”.

Portanto, a noção de moral que parte do indivíduo se torna comum à sociedade, estabelecendo uma espécie de ordem. Principalmente através da linguagem. A moral não acaba. É reconstruída e revivida a todo tempo. Organizações, instituições, grupos de todos os princípios, reelaboram e conservam determinado quadro de valores morais. O IHGRN não é diferente.

Para Hélio Galvão, Lyra destacava-se moralmente por ter consigo o valor do reconhecimento da crítica, coisa que faltava aos políticos contemporâneos, na sua opinião. O sócio homenageado, em um texto publicado em 1951, intitulado como *Recordando dias Idos*, pontuava o reconhecimento de seus erros:

Publicado, em 1921, o livro, — História do Rio Grande do Norte, — que tem mais de oitocentas páginas impressas, ofereci um exemplar a Rocha Pombo, meu amigo de muitos anos. Deu-me suas impressões de leitura, em longa e honrosíssima carta, cujo fecho é este: «uma obra definitiva.» Exagêro de sua bondade, pois nela há enganos e imperfeições que eu mesmo corrigiria, si pudesse publicá-la em edição revista e aumentada...» (LYRA, 1952, p. 19-20).

Isso foi de grande proveito para Hélio Galvão, pois assim ele comparou Tavares de Lyra com o cenário dos políticos atuais. O autor reclama que outrora “os governadores eram recrutados entre os homens que aliassem à atividade política o indispensável lastro de conhecimentos, a necessária formação intelectual que o exercício da magistratura política exige” (GALVÃO, 1959, p. 75). E complementa considerando que “Agora não é assim.” Aqueles que tem conhecimento podem não ser eleitos, mas se “souber comprar votos, ainda que seja analfabeto, incapaz de qualquer manifestação de saber, pode enfrentar com êxito as multidões votantes” (Idem). Exatamente o contrário do passado, de acordo com Galvão.

As homenagens consagraram Augusto Tavares de Lyra como um referencial não só pela via do exemplo moral, mas também para demarcar um momento do passado, sobretudo institucional, como ponto de apoio histórico para o ofício do historiador potiguar e a subsequente historiografia.

Os historiadores do Instituto tomam posição de testemunhas, obtiveram contato com o objeto em questão, afigura de Lyra, e fizeram de suas memórias fontes para a produção de seus discursos. Não há o que ser comprovado, não há o que ser demonstrado. Construindo os relatos através do olhar e das suas vivências, atestando a realidade da coisa passada a partir da sua presença nos locais de ocorrência, legitimavam, destarte, a autoridade testemunhal de sua própria escrita.

A trilha biográfica, esmiuçada nesta breve pesquisa, multiplicou Tavares de Lyra. São na verdade *Augustos de Lyra*. É o Tavares de Lyra criança, de Manoel R. de Melo, da vida reta e linear, que traz nostalgia; é o Tavares de Lyra que presta serviços à nação e à região, sendo o exemplo, elaborado por Câmara Cascudo; e para Carlos Tavares de Lyra e Hélio Galvão, há um Augusto Tavares de Lyra processual, de começo, meio e fim e fonte normativa da moral. Mas todos fluem para o mesmo lugar, que é o rio do homem da *vida pública*, forjada pela história e memória.

Os compartes da instituição montam um discurso baseado na retrospectiva. Uma operação como essa articula o pensamento a partir do sobrevoo pela vida. Esse tipo de trabalho é pautado desde o romantismo e do historicismo em geral, no intuito de erigir uma memória em comum, elaborando uma espécie de consenso social (CATROGA, 2015, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica registrado, portanto, que nossa pesquisa a respeito do volume 52 da revista do IHGRN tratou de elaborar vários Tavares de Lyra. Cada texto com suas particularidades, mostrando um Lyra por seu viés específico, por um espaço e momento diferente, a partir da memória daqueles que o homenagearam, produziram certa imagem do sócio fundador. Contudo, por mais diversos os escritos, levavam em direção ao mesmo ponto: o exemplo de vida pública.

Ser exemplo na moral, na política, na arte de fazer história, é de uma responsabilidade ao qual o Instituto reservou significativo espaço para tratar. Simbolizar Tavares de Lyra a partir de todos esses aspectos revela uma estratégia não apenas vista pelos laços afetivos, mas também como forma de acrescentar um *upgrade* na imagem da Instituição, afinal existindo um exemplo de homem como este no lugar social, certamente há de enaltecer a imagem do todo. Uma forma de adquirir capital social e simbólico através da recordação.

A historiografia garantiu a monumentalização do morto por significativo tempo nas revistas dos Institutos Históricos e Geográficos. No IHGRN não foi diferente. A celebração e homenagem constituem dada maneira de legitimar um saber-poder. Esses trabalhos de recordação também montam uma teatralização dos sócios na busca de concretizar uma unidade em torno do grupo, elaborando dada continuidade temporal do passado do grupo com o presente, através de valores em questão.

REFERÊNCIAS

Fontes

CASCUDO, Luis da Câmara. Tavares de Lyra. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p.9-11.

DIVERSOS Juízos da Imprensa. In: **RIHGRN**. Vol. 41-44, Natal, 1948, p. 41-43 (excerto do jornal *A República*, em 01/04/1942).

GALVÃO, Hélio. Tavares de Lira, o historiador. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 75-80.

LYRA, Carlos Tavares de. Tavares de Lyra na intimidade. In: **RIHGRN**, vol. 59, Natal, 1959.

MELO, Aldo Fernandes de. Apresentação. In: **RIHGRN**, vol. 52, Natal, 1959, p. 5-7.

MELO, Manoel Rodrigues de. Uma carta do Dr. Eloy de Souza. In: **RIHGRN**, Natal, vol. 52, 1959, p. 48-52.

REDAÇÃO. Gov. Dinarte de M. Mariz. In: **RIHGRN**, vol. 59, Natal, 1950, p. 28-29.

SITES:

<<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/>>

Bibliografia geral

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa, Edições Fim de Século, 2003.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. “**A casa da memória norte-rio-grandense**”: O *Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Norte* e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927). Porto Alegre, Tese de Doutorado, 589 f., 2017.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e historiadores**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MATA, Sérgio da. Historiografia, normatividade, orientação: sobre o substrato moral do conhecimento histórico. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda;

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ARAÚJO, Valdei Lopes de (orgs.). **Aprender com a história?** o passado e o futuro de uma questão. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 59-77.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história:** a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SHEAKSPEARE, Willian. **Hamlet.** Tradução e Millor Fernandes. Rio de Janeiro, L&PM, 1988.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-271.